

OS MANUAIS DE CASTRAMETAÇÃO, A APRENDIZAGEM DO DESENHO URBANO E UM TRATADO MANUSCRITO DE LUÍS SERRÃO PIMENTEL

MARGARIDA TAVARES DA CONCEIÇÃO*

Resumo: O acampamento militar foi entendido explicitamente como simulacro urbano pelo menos desde as *Historiae* de Políbio, uma das principais fontes antigas. Os procedimentos para o alojamento dos exércitos constituíam matéria usual nos livros de arte militar, tendo sido alvo de interesse renovado na cultura arquitectónica do Renascimento. No contexto do século XVII e em particular na formação dos engenheiros militares, cujo ensino organizado em Portugal não é perceptível antes de 1647, incluiu-se ainda a *castrametatio* como objecto de estudo nos seus contornos clássicos. Através da análise do *Tratado de Castramentação ou Alojamento dos Exercitos*, de Luís Serrão Pimentel, procura-se relacionar a genealogia deste conhecimento castrense com o potencial exercício de habilitação para o desenho urbano.

Palavras-chave: Castrametação; Tradadística; Urbanismo; Cultura militar.

Abstract: The military camp was explicitly understood as an urban simulacrum, at least since Polybius's *Historiae*, one of the main ancient sources. Procedures for army's lodgings were usual topics in military art books, having known renewed interest in the Renaissance architectural culture. In 17th century context, specially in the military engineers training (whose organized teaching in Portugal is not clear before 1647), the *castrametatio* was still studied in its classical outlines. The analysis of the *Treatise on Castrametation or Armies Lodging*, by Luís Serrão Pimentel, seeks to relate the genealogy of this military knowledge with the potential qualification for exercise on urban design.

Keywords: Castrametation; Treatise; Urbanism; Military culture.

* IHA, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa; Universidade Autónoma de Lisboa. mmtconceicao@gmail.com.

DA ANALOGIA ENTRE CIDADE E ACAMPAMENTO MILITAR: METÁFORA E MÉTODO

A associação entre as regras da castrametação e os princípios do desenho urbano clássico não constitui em si uma novidade, mas sim uma interpretação que aparece na historiografia com rara unanimidade e que põe em evidência a partilha de uma concepção espacial comum¹. O que justificará em sentido lato a pertinência da aprendizagem da castrametação como exercício de habilitação para o desenho urbano: saber como traçar um perímetro no terreno, definir o alinhamento das ruas e outros requisitos da organização logística.

Contudo, essa ligação encontra-se pouco estudada *em detalhe* e *em circunstância*. Uma das razões que poderá justificar (pelo menos no contexto da época moderna) a tendência para manter a questão no plano da explicação generalista poderá estar relacionada com a ilustre genealogia deste saber clássico e pelas intrincadas ligações que se estabelecem com os métodos gromáticos. Havendo uma transmissão de regras através de várias fontes, é como repositório de saber militar antigo que a castrametação é valorizada na cultura do Renascimento.

A principal base será a descrição contida no Livro VI das *Historiae* de Políbio, impressa em várias línguas e inserida em diversas colectâneas de clássicos da arte militar ao longo dos séculos XVI e XVII. As fontes relacionadas com a produção das regras escritas da agrimensura, coligidas no famoso *Corpus agrimensorum romanorum* eram também conhecidas, mas a sua publicação e a compreensão da sua própria historicidade foram problemáticas². Na verdade, foi o *De re militari* de Vegécio o mais durável veículo compendial.

A este respeito retenham-se dois aspectos essenciais: primeiro, a ligação entre a castrametação e as técnicas de agrimensura foi estabelecida há muito, pela própria tradição escrita romana e pela sua complexa transmissão, com continuidade medieval. A divisão do *territorium*, a fundação ritual da cidade e a delimitação do campo militar usavam meios e significados idênticos e, também por isso, o entendimento da cidade na versão militar e efémera de acampamento, a cidade móvel, metáfora filiada em Políbio³, afigura-se lógica, já que o pretendido é precisamente a simulação da cidade habitada.

O segundo aspecto refere-se ao facto do código da castrametação constituir um conjunto de procedimentos que forneceriam uma espécie de condensado de

¹ E.g. FIORE, 2009: 284; POLLAK, 2014: 87-88; VAN DEN HEUVEL, 2011: 38-44.

² CASTILLO PASCUAL, 1996; PAMMENT, 1996.

³ POLÍBIO, 1977: 106, 109; contudo, essa analogia metafórica está ausente no texto *De munitionibus castrorum*, do chamado pseudo-Higino.

regras urbanísticas, «pronto a usar» em qualquer situação, isto é, um método. Esse carácter encontra-se em si mesmo no próprio conceito da *castrametatio*, onde se resumem as linhas básicas da urbanística romana, reconhecíveis na escolha do sítio, definição da forma perimetral regular e respectiva delimitação defensiva, o princípio da axialidade e ortogonalidade do traçado viário, com a intersecção dos quatro eixos principais na zona do *praetorium*, e também referência para o alinhamento das unidades de alojamento.

DO ACAMPAMENTO MILITAR NA CULTURA ARQUITECTÓNICA DO RENASCIMENTO

Os termos da analogia polibiana entre o acampamento e a forma da cidade justificam a sua repetição obrigatória pelos autores modernos, tornando-se indispensável focar neste ponto a convergência (pelo menos teórica e disciplinar) entre a *re militari* e a *re aedificatoria*. E justamente a partir de Leon Battista Alberti, que incluiu no seu texto fundador alguns capítulos sobre o acampamento militar, apresentando-o como organização especializada do espaço e até explicitamente como *castra urbiium seminaria*⁴. Em contrapartida, o texto-fonte do conhecimento arquitectónico, o *De architectura* vitruviano, apesar de incluir fortificação e engenhos de guerra, não integra este tema específico, o que de alguma maneira também ajuda a explicar a sua ausência nos livros de arquitectura dos séculos XVI-XVII.

Mas, como é óbvio, os procedimentos para o alojamento dos exércitos constituíam matéria própria e usual dos livros de arte militar, amiúde lidos como elo entre um saber teórico (mas também retórico) e um saber prático da vida militar activa, e cujo modelo literário se pode identificar no já mencionado epítome de Vegécio, com várias edições impressas alguns anos antes dos tratados de Vitruvius e Alberti, ambos tendo o ano de 1485 por referência. Não se poderá falar numa recuperação de Vegécio no Renascimento, mas na renovação de uma presença contínua na literatura militar cortesã, renovada pela ideia de recuperação da disciplina e eficácia da legião romana.

Nesse sentido, e em contrapartida, *Dell'arte della guerra*, de Maquiavel (Florença, 1521), apresenta-se como uma das primeiras obras em vulgar, mas não é um livro técnico nem prático, ainda que inclua dados detalhados e o desenho planimétrico do acampamento com as medidas específicas das suas diferentes partes, do perímetro às várias classes de alojamentos. Não são regras gerais para adaptar, mas um modelo completo e cotado, que pressupõe a regularidade da maneira de acampar,

⁴ «Nam sunt castra ueluti urbis quaedam seminaria» (ALBERTI, 1485: lv. V, cap. X; cf. 2011: 339).

para que «la forma dello alloggiamento sia più perfetta, alloggiando uno esercito perfetto»⁵. É ainda bastante evidente (mas não exclusiva) a sua ascendência sobre o muito citado livro de Albrecht Dürer sobre fortificação de cidades, ilustrado e impresso poucos anos depois, em 1527⁶.

O tema e a sua conotação urbana foram alvo de interesse renovado e nesta perspectiva o acampamento militar poderá ser mesmo tomado como parte integrante da educação do artista cortesão e do ambiente cultural humanista, dimensão que em parte enquadra o modelo urbanístico apresentado por Dürer. A atracção pelo desenho militar da cidade é detectável na obra de alguns arquitectos, registando-se casos muito particulares, como os desenhos de Serlio e de Palladio, posicionados como evocações directas de Políbio e não tanto de Vegécio. O interesse de Serlio pela interpretação do acampamento polibiano revela um exercício de desenho urbano, no qual a base militar clássica é suporte de uma cidade moderna *all'antica*⁷. Essa mesma aproximação à temática militar, estritamente cultural e procurando mesmo a reconstituição histórica do Antigo, é visível em obras de Andrea Palladio, em especial nas ilustrações para os *Commentari* de Júlio César (1575) e nos desenhos que se conservaram manuscritos, destinados a ilustrar as *Historiae* de Políbio⁸.

Muito diferente é o caso do arquitecto-engenheiro Pietro Cataneo: apesar de ter ignorado o assunto na primeira edição do seu tratado de arquitectura (1554), acrescentou depois (1567) ao *Livro Primeiro* três pequenos capítulos sobre o acampamento militar. A sua preocupação parece ser, no entanto, efectivamente defensiva e centrada no impacto da artilharia, estando a analogia urbana ausente. A atenção encontra-se focada nas diferenças entre a castrametação antiga e a maneira moderna de alojar os exércitos, tomando como exemplo os acampamentos nas guerras de Carlos V. Porém, neste ponto não deixa de oferecer uma imagem estilizada e breve do acampamento moderno enquanto síntese urbana. Portanto, se a *castrametatio* entrou no universo do livro de arquitectura a partir do *De re aedificatoria* albertiano, aí não permaneceu, constituindo o tratado de Pietro Cataneo um caso isolado, também a este respeito.

⁵ MACHIAVELLI, 1521/1989: 475.

⁶ *Etliche Underricht zu Befestigung der Stett, Schloz und Flecken*, Nuremberga, 1527; tradução latina de J. Camerarius, Paris, 1535; cf. ed. GONZÁLEZ GARCIA, 2004: 24, 35-41.

⁷ Intitulado *Della castrametatione di Polibio ridutta in una citadella murata*, o manuscrito terá sido feito a partir de 1546, indiciando o contacto com Guillaume du Choul em Lyon (SERLIO, 2001); cf. FIORE, 2004; 2009.

⁸ BELTRAMINI, 2009.

DA CULTURA MILITAR E APRENDIZAGEM DA FORTIFICAÇÃO EM CONTEXTO PORTUGUÊS

O reflexo da castrametação clássica na cultura arquitectónica portuguesa parece muito ténue e no âmbito dos textos militares impressos no século XVI e primeiro terço do século XVII, apenas Luís Mendes de Vasconcelos (1612) se propõe tratar o tema dos *alojamentos*, mas sem chegar a concretizá-lo. Antes dele, Isidoro de Almeida usava nas *Instruções Militares* o vocábulo *arraial*, ainda que mencionando as «ruas do quartel, onde alojar» e nomeando Políbio⁹. *Arraial* será o termo corrente ainda no século XVI e que talvez só mais tarde tenha adquirido a actual ambiguidade semântica, em que se associa à palavra *arraial* qualquer assentamento desordenado e temporário¹⁰. Portanto, o *arraial* enquanto acampamento militar aparece neste contexto como versão e expressão vernacular face ao mais erudito acampamento e à arte da castrametação dos romanos, difundida em inúmeras versões impressas e colectâneas, até mesmo em vulgar e com ilustrações.

Com efeito, Luís Mendes de Vasconcelos cita amiúde os autores antigos e também dois autores modernos importantes na divulgação desta matéria: Guillaume du Choul (1555) e o flamengo Justo Lípsio (1595). Mas é preciso salientar que estes intérpretes modernos da castrametação não foram propriamente militares de carreira, mas eruditos que escreveram os seus comentários e versões. Interpretações quase sempre fundamentadas nas relativamente breves palavras de Políbio, ao lado do qual Frontino, Vegécio ou Higino aparecem quase como fontes complementares. Esta observação envolve de alguma maneira uma outra questão, a de saber até que ponto a *castrametatio* antiga era útil ao acampamento militar moderno. Ainda que fazendo parte do conteúdo obrigatório de um tratado de arte militar, é um assunto que parece interessar pouco os teóricos, estrategas e engenheiros militares. O tema do acampamento militar, castrense por definição primária, parece ser mais caro à cultura literária militar em sentido lato; como o eram as conquistas de Alexandre ou Júlio César. A castrametação – e por mais pertinente que seja a analogia entre o acampamento militar e a cidade – era assunto do exército em movimento para resolver na prática.

Apesar disso, a partir da década de 1640, e até «por urgência prática» como se sabe, o ciclo das Guerras da Restauração estimulou a renovação do conhecimento sobre os assuntos da milícia. Figuras como, por exemplo, Luís Marinho de Aze-

⁹ ALMEIDA, 1573/1953: 148, 166.

¹⁰ Cf. CONCEIÇÃO, 2015: 272-274.

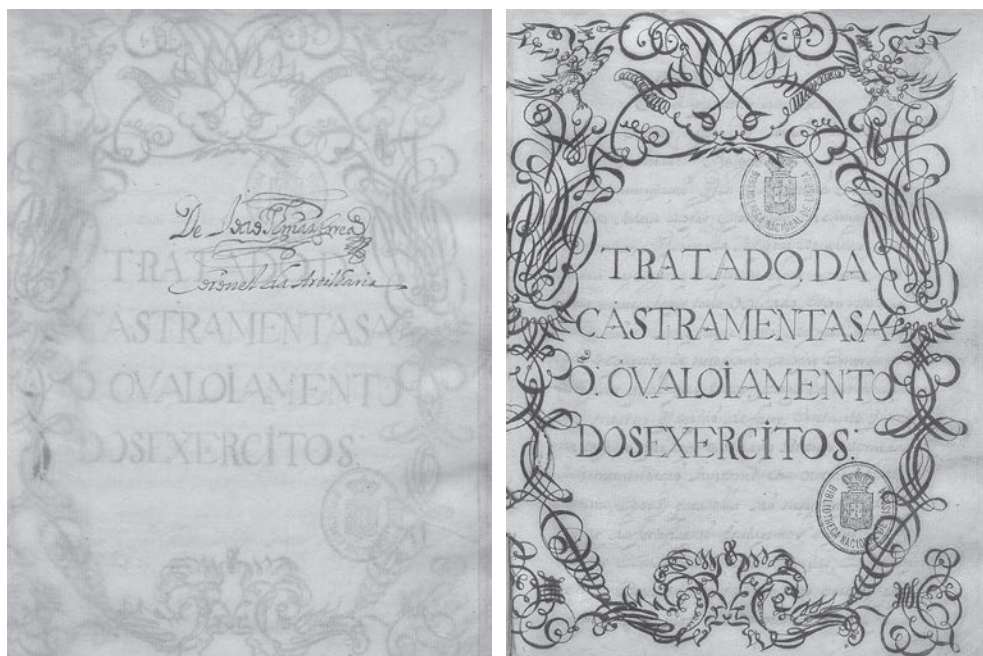


Fig. 1. *Tratado de Castramentação ou Alojamento dos Exercitos* por Luís Serrão Pimentel, frontispício e assinatura de João Tomás Correia (BNP).

vedo ou Francisco Manuel de Melo notabilizaram-se como autores que chegaram aos prelos¹¹.

Ao mesmo tempo a necessidade de formar engenheiros militares portugueses fez com que a arquitectura militar fosse objecto de aprendizagem específica, instituída na chamada *Aula de fortificação* da corte; ou, melhor dito, na *Lição de fortificação* inserida na *Aula de matemática* da Ribeira das Naus, tutelada pelo cosmógrafo-mor e onde se passou a ensinar também o ataque e defesa das praças, e a castrametação. Luís Serrão Pimentel, cosmógrafo-mor interino responsável pela aula (1647) e mais tarde engenheiro-mor (1673), ficou conhecido principalmente pelo tratado *Método Lusitânico de Desenhar as Fortificações*, impresso em 1680 (um ano após a sua morte). Mas, por exemplo em 1661, era citado como lente de fortificação, esquadrões, artilharia e castrametação¹². Em rigor, não poderemos

¹¹ BEBIANO, 2000.

¹² Por exemplo: «lente da cadeira de fortificações e castrametação na aula da mathematica em a Ribeira das naos» (ANTT – *Chancelaria D. Afonso VI*, lv. 20, fl. 129 v.-130, 30 Julho 1666, in VITERBO, I: 269); «ler na Aulla da Ribeira das naos arte de matematiquas, nauegação, fortiffiquação, castrametação, expugnação e defenção das Praças» (ANTT – *Chancelaria D. Afonso VI*, lv. 29, fl. 167-167 v., 14 Dezembro 1671, in VITERBO, I: 270-271; FERREIRA, 2009:147-148).

dizer que se conservam numerosos manuais da matéria no contexto desta ou de outras «aulas de fortificação», cujo funcionamento detalhado é difícil conhecer, mas das quais sobrevivem alguns manuscritos, um dos quais justamente subscrito por Luís Serrão Pimentel.

O TRATADO DE CASTRAMENTASÃO OU ALOJAMENTO DOS EXERCITOS, POR LUÍS SERRÃO PIMENTEL

Conserva-se na Biblioteca Nacional de Portugal um manuscrito intitulado *Tratado de Castramentasão ou Alojamento dos Exercitos por Luís Serrão Pimentel*, não datado¹³ mas sendo posterior a 1658, complementado com desenhos e que pertenceu ao seu discípulo João Tomás Correia de Brito¹⁴. Não é possível afirmar com segurança tratar-se de um autógrafo de Luís Serrão Pimentel, mas o discurso é feito na primeira pessoa e corresponderá pelo menos em parte ao conteúdo leccionado em aula, expressando no prólogo o propósito didáctico. Poderá também suspeitar-se que integraria o grupo de tratados relativos a outros sub-géneros que gostaria de ver organizados (e impressos?)¹⁵. Obra de militar e de engenheiro, o próprio título revela, no duplo enunciado da conjunção *ou*, uma nota de erudição (a castrametação) e uma nota pedagógica (o alojamento dos exércitos).

Se é muito clara a consciência da ascendência clássica da *castrametatio*, referindo iniciaticamente a etimologia da palavra, mostra a consciência essencial da sua distância histórica, da distância entre os antigos e os modernos, reservando a Vegécio a validade da compilação de máximas (indica mesmo que o seu capítulo 1 corresponde ao capítulo 8 do livro 3 de Vegécio) e sobre Políbio não regista uma única palavra. As fontes de trabalho de Serrão Pimentel são de facto outras, reflectem importantes mudanças de ciclo na codificação dos conhecimentos sobre fortificação e temas subsidiários, e surgem cotejadas com rigor de aparato científico.

Apesar de citar muitos italianos (Brancacci, Busca, Cataneo, Floriani, Sardi, Savorgnano), os mais extensamente usados são os autores das áreas flamenga e neerlandesa, em especial Simon Stevin («autor grave nas suas obras mathematicas», fl. 26v.) e Adam Freitag, ainda que também proceda a comparações pontuais com

¹³ BNP Códice 1648, com 106 fólhos (66 textuais com letra da mesma mão e 40 com ilustrações desdobráveis); inclui algumas notas marginais que o catálogo indica poder atribuir-se ao antigo possuidor; várias referências ao cerco de Badajoz, indicando mesmo o ano de 1658 no fl. 32, fornecem datação *post quem*.

¹⁴ João Tomás Correia de Brito também deixou obra sobre fortificação e castrametação (BNP COD. 5386).

¹⁵ No prólogo: «para depois tratarmos a Expugnação e Defença com largas notícias», terminando «mas por que isto pertence ja a Ofença o trataremos mais particularmente no segundo livro» (fl. 66 v.).

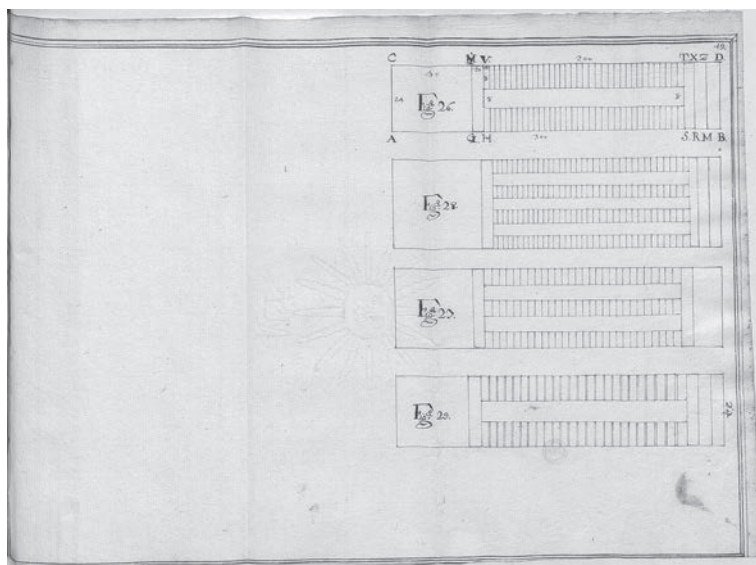


Fig. 2.
Tratado de
Castramentação...,
fig. 26-29, «Do
alojamento de huma
companhia de
Infantaria» (BNP).

muitos outros (Cellarius, Dögen, Dilich, Goldmann) e apenas um francês (Deville). A este respeito deve sublinhar-se que, assumindo em algumas partes a tradução directa, a reprodução de desenhos e a transcrição de tabuadas de cálculo, Pimentel justapõe a essa exposição o seu habitual sentido crítico, por vezes destacado em notas e escólios, outras vezes afirmando em diversas passagens «Esta he a doutrina dos melhores autores modernos...; eu sigo o Methodo meu particular...» ou «mas sou de parecer que».

Observando-se a estrutura do tratado, verifica-se que no seu todo dedica bastante espaço ao desenho da fortificação de campanha (fortes, redutos, fortins e trincheiras), introduzindo conceitos e vocábulos modernos: as linhas de circunvalação e contravalção, os aproches. Opção relacionada com a necessidade de adequar o alojamento dos exércitos à nova fortificação de campanha.

O desenho do campo militar propriamente dito (correspondente em especial ao cap. 8.º – «Das medidas determinadas oje para os alojamentos dos Arrayais e quartéis», fl.s 26v.-49) aparece pois neste contexto e, como é habitual em engenharia, a transmissão da regra faz-se por demonstração geométrica. Um tratado não é um livro de leitura mas sim de estudo e para se compreender a descrição textual das operações é preciso seguir cuidadosamente as figuras. O conhecimento da aritmética e da geometria elementar é, como sabemos, um pressuposto metodológico e para concretizar a demonstração, Pimentel toma diferentes situações como exemplo de aplicação, aspecto que confirma ainda mais o seu carácter didáctico.

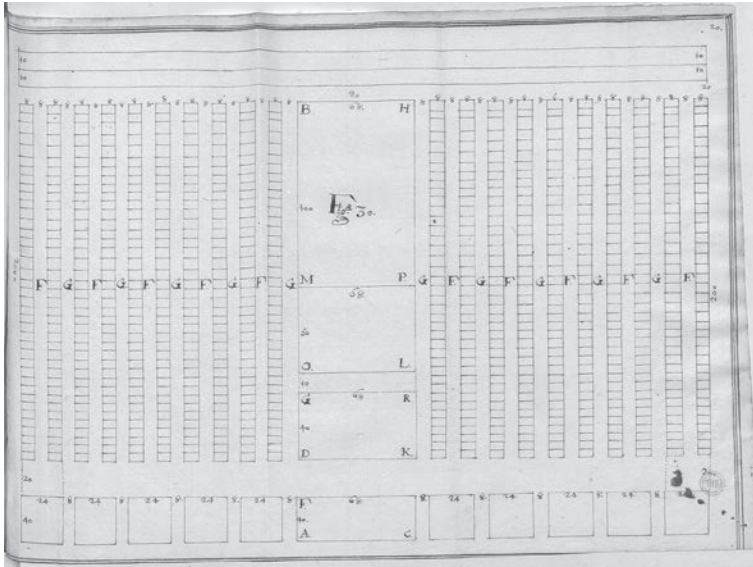


Fig. 3.
*Tratado de
Castramentação...*,
fig. 30,
«Do Alojamento de
um terço» (BNP).

O primeiro exemplo refere-se ao alojamento de uma companhia de infantaria incluindo as variações consoante o número de efectivos, seguindo-se o alojamento de um terço (onde recorre também à representação em perspectiva, a que chama vitruvianamente *ichnographia*) e depois mostra a adaptação de idênticas premissas a uma companhia de cavalaria. Seguem-se alguns «quartéis» (unidades do acampamento) mais especializados e hierarquizados: o quartel do General do Exército, o quartel do General de Artilharia, o «quartel dos outros cabos e officiaes que alojam juntos no campo», o quartel dos carros e carretas e a praça do mercado.

É na descrição da praça do mercado que se torna mais acentuada a percepção de uma linguagem comum à urbanística, mas que percorre todo o códice: são as ruas e as praças, as praças de armas e as praças vazias, as ruas largas, as ruas *entremédias*, a *direitura* das Ruas principais, a serventia de passagens, a disposição ou filas de barracas, ou de tendas.

Os próprios enunciados de atribuição do alojamento aos diferentes postos reflecte também a necessidade de replicar as funções da vida quotidiana, segundo o nível hierárquico e social dos destinatários. O acampamento inclui todas as patentes, do soldado ao general, do cirurgião ao capelão, dos comissários e vedores aos viandeiros, carreteiros, aos escrivães e engenheiros, e todas as especialidades da artilharia, e no mercado «se acomodaram separadamente os mercadores de pannos, cedas e outras couzas, tendeiros e tauerneiros, e outros que seguem o exercito» (fl. 43v.), especificações que inevitavelmente nos remetem para a imagem do acampamento como cidade móvel.

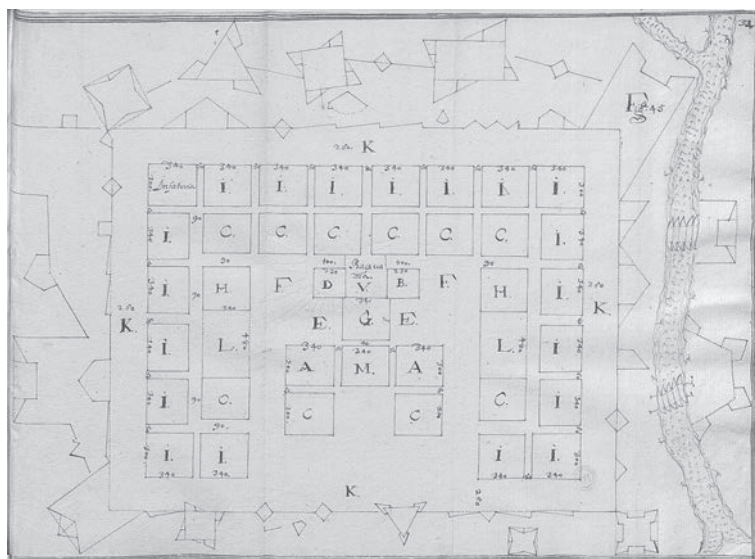


Fig. 4.
Tratado de Castramentação..., fig. 45,
 «De outra forma de
 alojar um Exército com Infantaria e
 Cavalaria no mesmo
 Quartel» (BNP).

No entanto, um dos capítulos onde melhor se demonstra o sentido prático do método de alojar o exército é o capítulo 9.º «Do modo de se sentar no papel o alojamento do Exército para dispous se acomodar na Campanha» (fl.s 49 v.-54), dividido em dois artigos: «§ 1.º Como que se deuem riscar em papel os quartéis particulares para depois se executarem na campanha» e «§ 2.º Do modo de medir os quarteyns na campanha pela planta desenhada no papel», com recurso a instrumentos relativamente simples (bússola, esquadro de pínulas, fita gradual). Relembrando sempre o problema da conversão das unidades de medida, Pimentel insiste na proposição metodológica destinada a quem «se encarrega [d]a despozição das barracas e ruas de suas companhias» (fl. 52).

Em resumo, a insistência no uso de expressões como «saber alojar e fortificar» ou «alojar com ordem e fortificação», o persistente uso da palavra *arraiais* e a generalização da palavra *quartéis*, denunciam o seu objectivo pragmático: transmitir a boa regra aos discípulos, uma regra de preferência actualizada e com exemplos modernos. Nas suas advertências identificam-se expressões que nos habituámos a associar à prudência do mestre e à necessidade vital de saber adaptar os preceitos, que devem ser «acomodados com o bom discurso do Engenheiro segundo a diferença e despozição de cada sitio, conciderando as ventagens» (fl. 13 v.), ou ainda, «porque isto não he exemplar, e faliuel, cada hum poderá dispôr o Exército como milhor lhe parecer atendendo somente as que as ruas fiquem mais dezempedidas e direitas e que possam ser capazes, e as praças espaçosas.» (fl. 56).

O tratado de castrametação de Luís de Serrão Pimentel equilibra o conteúdo da cultura militar erudita e o carácter de um livro técnico, destinado à formação do engenheiro militar, uma formação fundada na aprendizagem da construção geométrica como método científico de resolução de problemas. Dadas as especificidades de cada tipo de quartel, o que chama de «quarteis particulares», o conceito integra-se e ganha sentido no contexto da «planta geral de todo o Exercito alojado», que formaria uma malha de ruas, praças e filas de barracas. Esta não é uma obra profundamente original, nem poderia sê-lo provavelmente. Apesar de ser inevitável saber organizar o acampamento militar, persiste a questão de saber se a castrametação clássica era ainda relevante para o alojamento do exército em campanha na segunda metade do século XVII, ou mais razoavelmente, se constituía uma matéria de base da cultura militar, que continuaria a ser estudada no século XVIII.

Da mesma maneira, pode-se perguntar se o estudo da castrametação seria ainda importante para o desempenho dos engenheiros militares como responsáveis pelo desenho urbano ou apenas um exercício de distribuição espacial, com evidentes relações geométricas e até programáticas ao conteúdo de uma praça de guerra, que aparece codificada na tratadística da fortificação seiscentista.

BIBLIOGRAFIA

- ALBERTI, L. B. (1485) – *De re aedificatoria*. Firenze: Nicolau Alamari.
- ALBERTI, L. B., ed.; KRÜGER, M.J., trad. A. Espírito Santo (1485/2011) – *Da arte edificatória*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- ALMEIDA, Isidoro de; int. A.F. Morais (1573/1953) – *Quarto livro de Isidoro de Almeida das Instruções Militares, Arte Militar Quinhentista*. «Boletim do Arquivo Histórico Militar», vol. XXIII, p. 203-229.
- BEBIANO, Rui (2000) – *A Pena de Marte. Escrita da Guerra em Portugal e na Europa (Séc.s XVI – XVIII)*. Coimbra: Minerva.
- BELTRAMINI, Guido, ed. (2009) – *Andrea Palladio and the architecture of battle with the unpublished edition of Polybius' Histories*. Venezia: Marsilio Editori – CISA Andrea Palladio.
- BRANCACCI, Lelio; trad. I. Scavino (1639) – *Cargos y perceptos militares...* Barcelona: Sebastian y Jaime Matevad.
- BUSCA, Gabriello (1585) – *Della espygnatione, et difesa delle fortezze*. Torino: Herede di Niccolò Bevilacqua.
- CASTILLO PASCUAL, Maria José (1996) – *Espacio en orden. El modelo gromático-romano de ordenación del territorio*. Logroño: Universidad de la Rioja.
- CATANEO Novarese, Girolamo (1584) – *Dell'arte militare libri cinque*. Brescia: Thomaso Bozzola.
- CATANEO Senese, Pietro (1567) – *L'Architettura...* Venezia: Paolo Manuzio.
- CELLARIUS, Andreas (1645) – *Le cours de mathematique*. Paris: François Pelican.
- CHOUL, Guillaume du (1555) – *Discours sur castrametation et discipline militaire des romains*. Lyon: Guillaume Rouille.

- CONCEIÇÃO, Margarida Tavares da (2008/2015) – *Da cidade e fortificação em textos portugueses (1540-1640)*. Lisboa-Paris: Nota de Rodapé Edições.
- DE VILLE, Antoine (1628/1640) – *Les Fortifications...* Lyon: Philippe Borde.
- DILICH [-SCHÄFFER], Wilhelm (1641) – *Peribologia seu muniendorum locorum ratio*. Frankfurt: Anton Humm.
- DÖGEN, Matthias [1648] – *L'Architecture Militaire Moderne, ou Fortification*. Amsterdam: Elsevier.
- [DÜRER] DURERO, Alberto; ed. J.L. González García (1527/2004) – *Tratado de Arquitectura y Urbanismo Militar*. Madrid: Akal.
- FERREIRA, Nuno Alexandre Martins (2009) – *Luís Serrão Pimentel (1613-1679): Cosmógrafo Mor e Engenheiro Mor de Portugal*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Tese de mestrado.
- IORE, Francesco Paolo (2004) – «La Castrametatio (appelée Livre VIII). L'architecture de Sebastiano Serlio et la Castramétation des Romains selon Polybe». In DESWARTE, Sylvie, dir.- *Sebastiano Serlio à Lyon: architecture et imprimerie*. [Lyon]: Mémoire Active, p. 211-223.
- (2009) – «Sebastiano Serlio and the Roman encampment». In BELTRAMINI, G., ed. – *Andrea Palladio...* Venezia: Marsilio, p. 271-297.
- FLORIANI, Pietro Paolo (1630/1654) – *Diffesa et offesa delle piazze...* Venezia: Francesco Baba.
- [FREITAG] FRITACH, Adam (1635/1640) – *L'Architecture Militaire ou la Fortification Nouvelle*. Paris: Toussaint Quinet.
- GOLDMANN, Nicolaus (1645) – *La Nouvelle Fortification*. Leiden: Elsevier.
- LIPSIUS, Justus (1595/1614) – *De militia romana libri cinque. Commentarius ad Polybium*. Antuerpiae: Officina Plantiniana.
- MACHIAVELLI, Niccolò; ed. A. Panella et al. (1521/1989) – *Libro dell' Arte della Guerra*. Milano: Gherardo Casini.
- PALLADIO, Andrea, trad. (1575) – *I commentari di C. Giulio Cesare...* Venezia: Pietro de' Franceschi.
- POLLAK, Martha (2010/2014) – *Cities at War in Early Modern Europe*. New York: Cambridge University Press.
- PSEUDO-HYGIN; ed. M. Lenoir (1979) – *Des fortifications du camp [De munitionibus castrorum]*. Paris: Les Belles Lettres.
- POLYBE; ed. R. Weil; C. Nicolet (1977) – *Histoires, Livre VI*. Paris: Les Belles Lettres.
- PAMMENT SALVATORE, John (1996) – *Roman Republican Castrametation: a reappraisal of historical and archaeological sources*. Oxford: British Archaeological Reports.
- SARDI, Pietro (1639) – *Corno dogale della architettura militare...* Venezia: Giunti.
- SAVORGNANO, Mario (1599) – *Arte militare terrestre e maritima...* Venezia: Sebastiano Combi.
- SERLIO, Sebastiano; ed. V. Hart e P. Hicks (2001) – *Sebastiano Serlio on Architecture...* New Haven: Yale University Press, vol. II.
- STEVIN, Simon (1618) – *La castrametation...* Leiden: Elsevier.
- VAN DEN HEUVEL, Charles (2011) – «Multilayered Grids and Dutch Townplanning. Flexibility and Temporality in the Design of Settlements in the Low Countries and Overseas». In *Early Modern Urbanism and the Grid: Town Planning in the Low Countries in International Context*. Turnhout: Brepols, p. 27-44.
- VASCONCELOS, Luís Mendes de (1612) – *Arte militar dividida...* Alenquer: Vicente Alvarez.
- VEGÉCIO; ed. J.G. Monteiro; J.E. Braga (2009) – *Compêndio da arte militar*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- VITERBO, Francisco Sousa (1899-1922/1988) – *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*. Lisboa: INCM.